

# O LEITE EM 95

*Sebastião Teixeira Gomes<sup>1</sup>*

A formulação das expectativas sobre a economia leiteira brasileira para o ano de 95 depende, em grande medida, do seu desempenho nos anos anteriores. Por sua vez a análise do desempenho da produção de leite não deve ser feita sem considerar a segmentação tecnológica existente. A pecuária leiteira do Brasil não é homogênea, porque ao lado de sistemas de produção tecnificados e eficientes existem outros com tecnologia tradicional e de baixa produtividade.

A participação relativa dos produtores do primeiro grupo (tecnificados) na oferta de leite aumentou nos últimos anos. Entretanto, os produtores tradicionais ainda são mais numerosos. No período de 1980 a 93, enquanto a produção total de leite do País cresceu 41%, a do leite B cresceu 136%. O produtor de leite B, quando comparado com o do C, adota mais tecnologia e, por conseqüência, alcança maior produtividade. Em outras palavras, a produção de leite do País tem crescido em ritmos diferentes, com o produtor especializado ocupando espaço cada vez maior.

Aqui cabe alguns esclarecimentos sobre a produtividade do rebanho. Segundo o último censo agropecuário, existiam no Brasil, em 1985, 1,87 milhão de informantes que produzem leite de vaca; 13,38 milhões de vacas ordenhadas com a produção de 12,5 bilhões de litros de leite/ano. A partir desses dados chega-se a produtividade média de 960 litros/vaca ordenhada/ano. Na interpretação desse resultado deve-se ter cautela, por duas razões: a) segundo dados da SUNAB existem no Brasil 318 mil produtores comerciais; isto é, que vendem leite às cooperativas e aos laticínios particulares. Do ponto de vista de abastecimento o que é importante é saber a produtividade média dos 318 mil e não de 1,87 milhão de produtores; b) de acordo com o próprio censo agropecuário, apenas 54% das vacas ordenhadas pertencem a rebanhos classificados para leite, segundo a finalidade econômica.

---

<sup>1</sup> Professor da UFRV e consultor da EMBRAPA. Escrito em 31/01/95.

Não se pode enganar pensando que tudo está perfeito no segmento da produção. Ainda há um longo caminho a percorrer no sentido da modernidade de muitos sistemas de produção. Entretanto, não se pode ignorar os avanços tecnológicos conseguidos por um grupo, cada vez maior, de produtores. Não considerar isso seria desconhecer a realidade.

Feitas as explicações sobre a interpretação correta da produtividade, retorna-se à discussão sobre o desempenho recente da pecuária leiteira nacional. Em 1994, apesar das geadas e da prolongada estiagem, a produção aumentou 600 milhões de litros, correspondentes a um crescimento de 3,7% em relação a 93 (Tabela 1). Graças a esse excelente desempenho o abastecimento em 94 foi normal, apesar do aumento da demanda provocado pelo plano real. No ano passado as importações brasileiras de produtos lácteos não foram muito diferentes das habituais e, muito menores que as do plano cruzado. Foi realmente o produtor brasileiro quem garantiu o abastecimento em 94, sem que houvesse aumentos significativos de preços do leite. Esse fato por si só já é importante, porém o mais importante ainda é a constatação que os maiores aumentos de produção ocorreram nas regiões onde há concentração de produtores especializados. Se a pecuária leiteira nacional fosse toda ela composta por produtores tradicionais e de baixa produtividade (como alguns acreditam), com certeza o desempenho do ano passado seria muito diferente do que foi.

Diante desse quadro, as projeções para 95 só podem ser otimistas. Estima-se crescimento da produção de leite variando de 3,7 a 5% para esse ano. Ao que tudo indica, em 95, deve aprofundar a tendência de maior participação do produtor especializado na oferta de leite. A estabilidade da economia estimula a modernização e isto deve acontecer também com o leite.

A realização das previsões otimistas para 95 está condicionada ao comportamento do mercado e a atuação do Governo. Em ambos os casos o que se espera é a criação de um ambiente econômico favorável ao produtor especializado. Pelas suas características esse produtor tem produção e custos estáveis durante todo o ano. Por isso, o que se deseja do mercado é a estabilidade do preço do leite, sendo a valorização da cota de produção a chave do problema. É evidente que não se pode imaginar preços estáveis para todo o leite, com produção sazonal. Entretanto, é possível ter um sistema de preços estáveis para o leite-cota, fazendo o ajuste do mercado no leite-excesso. Outro ponto que se espera do mercado é o

reconhecimento, na forma de pagamentos adicionais, do esforço do pecuarista para produzir leite de boa qualidade.

Quanto ao Governo, três papéis são particularmente importantes: a) evitar concorrência externa desigual, através de importações subsidiadas de derivados lácteos; b) monitorar a ação dos oligopólios a jusante e a montante do sistema de produção, intervindo quando necessário e c) fiscalizar o controle de qualidade de leite e derivados.

Tabela 1 - Produção de leite e importações de produtos lácteos do Brasil no período de 1990-94

Especificação	1990	1991	1992	1993	1994
Produção de leite - bilhões de litros	14,48	15,07	15,78	16,10	16,70
<b>IMPORTAÇÕES</b>					
Leite em pó integral - mil t	23,20	30,90	16,90	25,40	41,10*
Leite em pó desnatado - mil t	34,30	63,00	13,60	32,90	28,00*
Manteiga - mil t	7,50	12,70	5,90	5,40	7,40*
Queijo - mil t	21,70	15,30	2,50	8,00	25,70*

Fonte: MAARA.

\* De janeiro a novembro.